

Editorial

No julgamento de Antônio, em *O mercador de Veneza* (Shakespeare, 1600/2013), Shylock exige o cumprimento literal do contrato firmado: uma libra de carne retirada do corpo do devedor. No tribunal, quando tudo parece pender a favor do credor, Pórcia – disfarçada de doutor em leis – reconhece a validade do acordo, mas introduz uma condição decisiva: ele poderia retirar exatamente a libra de carne que lhe era devida; contudo, se ao fazê-lo derramasse uma única gota de sangue, perderia seus bens e a própria vida, pois o contrato não mencionava sangue. Esse argumento jurídico inverte a situação, impede a execução da pena e marca o desfecho dramático da cena.

Pórcia impõe uma condição biologicamente impossível: retirar carne de um corpo vivo sem provocar sangramento. *Sem derramar sangue* revela o paradoxo: pretender separar carne de sangue é tentar dissociar o corpo da própria vida.

De modo análogo, a sexualidade, em suas formas históricas e culturais, e o sexual, enquanto dimensão pulsional, enigmática e inconsciente, são constituintes *viscerais* do *corpo* da psicanálise. Excessos, excitação, tensão, desejo, prazer-dor, mal-estar, descargas, conflito, não são elementos circunstanciais, mas fundamentais – fundam e, ao mesmo tempo, movem a construção do psiquismo, da experiência psíquica, da perspectiva subjetiva. Por isso, tanto a sexualidade quanto o sexual precisam ser continuamente considerados e repensados à luz das transformações culturais, sem que se perca sua complexidade.

Em 2018, nossa Revista publicou um número dedicado ao tema *Identidades e sexualidades*. Oito anos depois, a retomada deste tema, que é *corpo e sangue da psicanálise*, parte da percepção da comissão editorial acerca da necessidade de o atualizarmos. A psicanálise, assim como suas instituições, tem se dedicado a retomar esse amplo tema que se manifesta na clínica e na cultura como um pedido para que seja acolhido e pensado psicanaliticamente. Na leitura de Glocer Fiorini (2017), a obra de Freud permite compreender a sexualidade, por definição, como algo migrante; o desejo como algo que excede as normas; a eleição de objeto como contingente; as identificações sexuais como plurais; e as fantasias bissexuais como expressão de uma dupla aspiração que, em alguma medida, persiste ao longo da vida, ainda que em proporções variáveis.

Nossa *carta convite à escrita* salienta que, como a psicanálise e a cultura sempre formaram um par indissociável e composto de elementos interdependentes, estamos diante de uma nova revolução copernicana (Rotenberg, 2018). Esse novo

Ana Cristina Pandolfo

abalo emana justamente das questões que se afastam da psicosexualidade binária para a psicosexualidade complexa. Há uma diversidade de gêneros e de escolhas de objeto, as quais não configuram quadros psicopatológicos, como outrora foi considerado. Tanto a heterossexualidade como a homossexualidade podem ser neuróticas, perversas ou psicóticas. Embora saibamos que as determinações internas são sempre predominantes, os valores sociais e os produtos da cultura podem exercer forte influência.

Muitas são as questões que se desdobram, entre elas a sexualidade como expressão subjetiva do processo identitário (Rotenberg, 2018) e os desafios da escuta psicanalítica diante de novas configurações familiares (Glocer Fiorini, 2013). Em alguns casos, a reflexão central, mais do que a orientação sexual ou de gênero, é a possibilidade de existir (Gherovici, 2018).

Os três trabalhos iniciais do presente número (Juan Eduardo Tesone, Paulo Roberto Ceccarelli e Alexandre Saadeh) apresentam conceitos sobre identidade e variabilidade de gênero, além de discutir a sexualidade levando em conta as mudanças sociais e culturais da atualidade. A tensão entre normas e experiência individual torna o campo do sexual mais complexo, envolvendo sempre algum mal-estar. São artigos que introduzem contribuições e conceitos ao debate psicanalítico e, aqui, se constituem como leituras capazes de subsidiar e contextualizar a reflexão apresentada pelos artigos a seguir.

O artigo de Nicolas Evzonas aborda como a mudança de gênero pode constituir uma saída subjetiva frente à violência das mensagens parentais, enquanto o de Sergio Lewkowicz revela a pouca presença dos estudos de gênero nos Institutos de Psicanálise latino-americanos, revisitando exemplos antropológicos que relativizam a lógica patriarcal. Além disso, analisa a naturalização histórica da hierarquia masculina e o silenciamento das mulheres. Ambos os artigos deslocam o debate sobre gênero das polarizações ideológicas para a experiência clínica e institucional, questionando ainda a naturalização das normas tradicionais sobre sexo e diferença sexual, mostrando que são construções históricas e culturais. Também evidenciam as resistências culturais e institucionais às transformações contemporâneas, convocando a psicanálise a revisar seus referenciais e a ampliar sua escuta diante dessas mudanças.

Em seguida, dois artigos nos brindam com revisões críticas das teorias psicanalíticas sobre o feminino. Ambos abordam o tema a partir de uma perspectiva complexa, articulando dimensões clínicas, subjetivas e culturais. Leticia Glocer Fiorini aponta pontos cegos na interpretação do masoquismo feminino, da histerização, da maternidade e da função paterna. Propõe repensar as teorias sobre o feminino a partir do paradigma da complexidade, revisando o conceito de

diferença sexual e distinguindo-o da noção mais ampla de diferença. Mery Wolf analisa a violência contra a mulher a partir de referenciais psicanalíticos clássicos e contemporâneos, articulando narcisismo, masoquismo e temores ligados ao desamparo.

O último artigo temático, de Rafael Samuel Giordani, leva o leitor a percorrer, junto a Christopher McCandless, a trajetória narrada por Jon Krakauer (1996), tomando-a como alegoria para pensar a pulsão de morte na clínica psicanalítica e os desafios diante do desligamento, da desobjetalização e das zonas de não-representatividade. A partir de Freud, André Green, René Roussillon e Thomas Ogden, defende que o manejo clínico exige uma escuta paradoxal, capaz de acolher a tendência ao zero absoluto sem renunciar à possibilidade de transformação em vida simbólica.

A seção *Temas diversos* apresenta três artigos que coincidentemente abordam as condições de constituição e restauração da subjetividade diante de experiências de ruptura ou trauma. Dominique Scarfone revisita criticamente as teorias psicanalíticas do trauma, focando na maneira com que este afeta a condição do paciente como sujeito. Além disso, propõe o conceito de subjetividade como um momento crítico necessário à elaboração do trauma, ilustrando sua perspectiva com um caso clínico. Bianca Bergamo Savietto e Luís Claudio Figueiredo retomam o modelo clínico do *placement*, formulado por Winnicott, ampliando-o como oferta de estabilidade e continuidade para crianças com graves rupturas familiares. O estudo de Ana Inês Gomes e Ivone Castro-Vale analisa a migração como um processo psicossocial que envolve luto, necessidade de espaços transicionais e reconstrução identitária, podendo gerar tanto vulnerabilidade quanto oportunidades de reorganização psíquica.

Inauguramos, nesse número, a seção *Homenagem*, dedicando-a a Isaac Pechansky, cuja trajetória deixou marcas profundas na vida da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre e na formação de gerações de analistas. Sua presença se fazia sentir na firmeza do pensamento, na ética da escuta e na disposição constante ao diálogo. Mais do que transmitir conceitos, ensinou um modo de estar na clínica – atento, rigoroso e humano. Seu legado permanece vivo nas instituições que ajudou a construir e nos colegas e alunos que com ele aprenderam. Como gesto de reconhecimento e memória, publicamos aqui um artigo de sua autoria, originalmente apresentado em 1979 como trabalho para a obtenção do título de membro efetivo e, posteriormente, publicado em seu livro *Da psiquiatria à psicanálise: uma trajetória de ensino e aprendizagem* (2022). O texto foi escolhido com carinho por seu filho Flávio Pechansky e por sua nora, a colega Catia Mello. A nosso convite, ele é comentado por Luciane Falcão, que

Ana Cristina Pandolfo

segue e amplia o debate com as ideias de Pechansky, evidenciando a importância das publicações em psicanálise como forma de manter vivas as possibilidades de vir a ser e de transformação.

A seção *Psicanálise em diálogo* tem como proposta colocar a psicanálise em interlocução com outras áreas do conhecimento. Nesse número, o diálogo se estabelece com a literatura – a partir de Sófocles – e com o cinema, tomando o filme *Édipo Rei*, de Pasolini, como eixo de reflexão. Vera Lamanno-Adamo revisita o triângulo edípiano, mostrando como, desde Freud, o conceito tornou-se cada vez mais complexo e multidimensional. Ao enfatizar a dimensão traumática da saga de Édipo, evidencia também a incompletude e o caráter sempre aberto do modelo edípiano.

A seção *Psicanálise em diálogo* foi inaugurada com a curadoria da editora associada Elena Tomasel, que se despede da Comissão Editorial com tal participação. Registramos nosso agradecimento por sua parceria generosa e por suas ideias criativas, as quais ajudaram a Comissão a buscar descentramentos e ampliações, abrindo novos campos de interlocução para a revista.

Encerramos com a resenha feita por Marion Minerbo do livro *Paixão e loucura nos limites da clínica psicanalítica* (2025), de Berta Hoffmann Azevedo. Minerbo percorre de forma profunda os capítulos do livro, enriquecendo-o com comentários clínicos, ampliando as suas ideias e estabelecendo uma conversa com a autora.

Concluo o editorial expressando minha satisfação por termos recebido tantos trabalhos de excelente qualidade, agradecendo o trabalho incansável de toda Comissão Editorial.

Gostaria ainda de comentar que nossa comissão tem estudado a fundo questões ligadas ao *sigilo e à confidencialidade*, sendo que temos adotado cuidados e normas para que possamos seguir publicando de forma ética e profunda, produzindo diálogos e reflexões, além de contribuir para o desenvolvimento do pensamento psicanalítico contemporâneo.

Ótima leitura!! ☐

Referências

- Azevedo, B.H. (2025). *Paixão e loucura nos limites da clínica psicanalítica*. São Paulo: Blucher.
- Glocer Fiorini, L. (2013). A sexualidade em cena. *Calibán: Revista Latinoamericana de Psicoanálisis*, 16(1), 104-106.
- Glocer Fiorini, L. (2017). Alteridad y diferencia. *Revista de Psicanálise SBPdePA*, 19(2), 95-108.

- Gherovici, P. (2018). A psicanálise está preparada para a mudança de sexo?. *Estudos Interdisciplinares*, 10(2), 130-139.
- Krakauer, J. (1996). *Na natureza selvagem*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1996.
- Pechansky, I. (2022). *Da psiquiatria à psicanálise: uma trajetória de ensino e aprendizagem*. Porto Alegre: Território das Artes.
- Rotenberg, E. (2018). A complexidade na homossexualidade e na identidade. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 25(3), 523-556.
- Shakespeare, W. (1600). *O mercador de Veneza*. São Paulo: Martin Claret, 2013.

Ana Cristina Pandolfo

Editora-Chefe da *Revista de Psicanálise da SPPA*